

DIALOGISMO E PODER NO DISCURSO RACISTA E ANTIRRACISTA¹

Por Olga SERRADELL² &
Ariadna MUNTÉ³

Introdução

A orientação teórica a partir da qual se analisam os atos comunicativos condiciona fortemente nossa compreensão sobre o uso que fazemos da linguagem e suas repercussões sociais. Autores como Foucault (1971) consideram as relações humanas unicamente como relações de poder já que a própria estrutura em que vivemos é desigual. Desta perspectiva, o poder é o elemento que domina em todos os atos comunicativos que observamos de fato, tanto na relação que se estabelece entre uma pessoa cigana e outra que se faz de voluntária para ensinar-lhe a ler e a escrever em um centro educativo; como a que se estabelece com uma que participou de ataques contra acampamentos de ciganos com coquetéis molotov. Se ambas as situações se analisam como o resultado da influência de alguns sistemas e estruturas sociais que guiam as ações dos sujeitos para manter uma ordem social, todo ato comunicativo que se dê nestas relações será de poder. Contudo, sabemos que entre a pessoa que está aprendendo a ler e a escrever e a pessoa que a ajuda se pode gerar solidariedade; enquanto que entre a pessoa agredida e a agressora se gera medo e conflito. Ambos os efeitos são o resultado de atos comunicativos diferentes que somente podem ser entendidos se introduzirmos uma perspectiva de análise dual da sociedade, que leve em conta ambas as dimensões: sistemas e sujeitos.

“Mundo da vida” e “sistema” (Habermas, 1987), “estrutura” e “agência” (Giddens, 1991), são alguns dos termos utilizados pelas teorias dicotômicas mais relevantes em ciências sociais. A agência humana aglutina um grande número de relações que se dão entre sujeitos muito diferentes.

Como veremos ao longo do artigo, quando estas relações se guiam pela busca do consenso sem coerções e a sinceridade, se compõem de atos comunicativos e interações dialógicas que constituem a origem da solidariedade, a amizade, a cooperação ou a convivência intelectual.

A teoria dos atos de fala de Austin, as contribuições de Searle, a análise de Habermas em sua teoria da ação comunicativa e da concepção dos atos comunicativos de Soler e CREA (Aubert, Flecha, García, Flecha & Racionero, 2008) nos aproximam de um maior conhecimento sobre as relações, verbais e não verbais, que se dão entre os sujeitos, grupos e instituições nas sociedades atuais. Estas teorias, molduradas dentro da filosofia da linguagem, representam elementos chave para analisar e compreender

¹ Artigo originalmente publicado em espanhol no número especial da Revista Signos, 2010, p. 343-362.

² **Contato:** Olga Serradell (olga.serradell@uab.cat). Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, Campus de la UAB, Universidad Autónoma de Barcelona. Despacho B3.117-2, 08193, Cerdanyola del Vallès, Barcelona, España.

³ Tradução de Renata de Oliveira Carreon. Mestranda em Linguística (PPGL – UFSCar). E-mail: renatacarreon@gmail.com

melhor como a linguagem e, de forma mais ampla, os atos comunicativos entendidos no sentido de Soler e CREA, contribuem para reproduzir fenômenos atuais como o racismo.

A análise dicotômica da sociedade para o estudo dos atos comunicativos pode, por um lado, ajudar-nos a compreender melhor como são gerados os discursos e as ações racistas. Por outro, pode conduzir ao desenvolvimento de ações preventivas do racismo que sejam mais eficazes. Na primeira parte do presente artigo nos centramos na reprodução do racismo por meio dos atos comunicativos e das interações de poder que são sua base. Na segunda, veremos como é possível desenvolver relações mais dialógicas que são a base das práticas de sucesso antirracista.

1. A reprodução do racismo por meio de atos comunicativos de poder

Em sua análise do discurso racista, van Dijk (2007) distingue entre o "dirigido a" Outros etnicamente diferentes, e o discurso do racista "sobre" os Outros. Do primeiro se deriva um "racismo cotidiano", presente nas conversas por meio das interações verbais que acontecem entre os membros da comunidade majoritária. Ante este discurso, van Dijk (2007) destaca a perseguição racista permanente a que são submetidos os membros do grupo étnico minoritário e as implicações negativas que tem para seu bem-estar e qualidade de vida. Um exemplo seriam os atos comunicativos verbais: insultos ou comentários desagradáveis a membros do grupo étnico minoritário que, por outro lado, seriam inaceitáveis entre os membros do próprio grupo. O racismo sobre os Outros se reproduz por meio das interações que se dão no cotidiano e na estrutura. Podemos encontrar exemplos nas instituições parlamentares, nos meios de comunicação ou nos livros, entre outros âmbitos majoritariamente controlados por pessoas dos grupos culturalmente dominantes. Os atos de fala e as interações têm aqui um importante papel.

Nossas sociedades são cada vez mais diversas em todos os sentidos, mas especialmente no âmbito multicultural. A chegada de pessoas de diferentes tradições, línguas, e origens mudou a estrutura social das sociedades de destino e, assim, a composição étnica, religiosa e cultural de sua população (Habermas, 2000). A multiculturalidade aumentou a diversidade das interações entre as pessoas de diferentes culturas e a linguagem se viu modificada por ela. Apesar de todas estas mudanças, a teoria de Austin (1971) continua tendo interesse pela base que estabelece para a análise dos atos de fala, seu significado, a intenção dos falantes, os efeitos que estes atos têm e como criam realidade.

A realidade se constrói socialmente, como Berger e Luckmann (1966) analisaram, e neste processo a linguagem tem papel especialmente relevante (Austin, 1971). Por sua vez, a linguagem é também estabelecida desde a estrutura, é produto de construções prévias, históricas, de imagens estereotipadas sobre determinados

grupos culturais como o Povo Cigano ou outros, que foram transmitidas por meio do cotidiano. Se os atos comunicativos que dominam são de poder, estas imagens do mundo e a forma de plasmá-las com palavras se reproduzem. Como veremos na segunda parte, ao fomentar os atos comunicativos dialógicos torna-se possível criar relações mais dialógicas ou tornar mais visíveis realidades que ficam escondidas pelos estereótipos.

Vejamos na continuação como, por meio dos atos comunicativos de poder, se reproduz o racismo nos discursos científicos, na esfera pública e na cotidianidade das pessoas.

1.1. No discurso político

Quando a multiculturalidade se converte em uma característica de nossas sociedades, a realidade se faz todavia mais complexa. Por um lado, as interações se fazem mais diversas; por outro, os mundos da vida dos sujeitos se veem mais frequentemente questionados ao interagir com pessoas que têm perspectivas, crenças e formas de entender o mundo, muito diferentes. Nada pode dar-se já com certeza.

Para descrever esta nova realidade, autores como Huntington (2005) falaram de “choque de civilizações”. É um termo cunhado a partir de uma perspectiva ocidental com fortes conotações etnocêntricas, que implica em si mesmo na falta de consenso e remete à impossibilidade de chegar a acordos entre culturas diferentes. Se tomarmos a análise que faz Flecha (1999) sobre o Racismo Moderno e o Pós-Moderno⁴ e o aplicarmos no termo de Huntington (2005), comprovamos que este contém traços de ambos os racismos. O conceito “choque de civilizações” encaixa dentro das características do racismo moderno ao representar a existência de algumas culturas mais evoluídas do que outras. Contudo, também incorpora elementos do racismo Pós-Moderno ao propor uma separação de territórios do mundo em civilizações baseada em algumas diferenças culturais e na impossibilidade de diálogo entre elas. Esta concepção é contrária à virada dialógica das sociedades teorizada por autores como Flecha, Gómez e Puigvert (2001). Na esteira de outras contribuições de relevância científica internacional, como a teoria da ação comunicativa de Habermas (1987), a modernização reflexiva e a desmonopolização do conhecimento especializado representados por Beck, Giddens & Lash (1997) ou a transformação da modernidade de Touraine (1993), estes autores representam o passo que estão dando as sociedades

⁴ Nota das autoras: Os conceitos de racismo moderno e pós-moderno foram concebidos por Flecha e Gómez (1995) ante a necessidade de destacar as mudanças que estavam ocorrendo nos discursos racistas, científicos, políticos e sociais, especialmente a partir dos anos 1980. Assim, enquanto o primeiro se baseia em conceitos como raça, subordinação e nazismo; o racismo pós-moderno incorpora um conceito de “diferença” unido ao território e a um nazismo que se autodefine como “antirracista” (Flecha, 1999). Ambos os racismos se baseiam em interações de poder que produzem atos comunicativos cujos efeitos incrementam a discriminação de grupos culturais minoritários como o Povo Cigano.

atuais, em que o diálogo e o consenso, que é fruto daquele, adquirem maior relevância nas relações sociais.

Como expõem Aubert et al. (2008), a virada dialógica repercute também na forma de criar conhecimento científico quando se dá um diálogo com pessoas “não especialistas”. No entanto, continuam acontecendo relações de poder na criação deste conhecimento. No âmbito da análise da linguagem, a concepção dos atos comunicativos contribui para um marco de grande utilidade para aprofundar no tipo de atos e interações que sustentam conceitos como o de “choque de civilizações”. Este apela unicamente às relações dialógicas entre elas. Assim, por exemplo, contrapõe Islã à democracia e a esta última a concebe como patrimônio ocidental, além de considerar o multiculturalismo como uma ameaça para o Ocidente (Huntington, 2005). Estas afirmações foram fortemente criticadas por autores como Sen (2007: 165), que qualifica Huntington de “simplificador intelectual” e de “classificador cultural” e, por sua vez, demonstra com várias datas históricas que os direitos e liberdades individuais foram promovidas, mas também freadas, tanto pelo Ocidente como pelo Oriente.

Este exemplo mostra que no processo de produção de conhecimento científico ocorrem relações de poder, e que estas convivem com a tendência dialógica das sociedades e das ciências sociais. O diálogo penetra cada dia mais nas relações e atos comunicativos dos indivíduos, grupos e instituições, convertendo-se em seu eixo norteador. Sem uma perspectiva dialógica, não se pode explicar a evolução para maiores níveis de democracia em todo o mundo. Evidência disso é o passo que representa ter que chegar a acordos e justificar tais decisões ante um Parlamento, inclusive no plano supranacional como é o da União Europeia (UE). Cada vez mais, os governos se veem obrigados a argumentar, buscar alianças e chegar a acordos com outros agentes sociais para levar a cabo qualquer iniciativa política que implique na cidadania. Entretanto, ainda que o diálogo adquira um papel cada vez maior, não significa que não continuem ocorrendo atos comunicativos de poder em um marco democrático.

1.2. Na esfera pública

Sistemas e sujeitos, poder e diálogo, são binômios que convivem em nossa realidade social. O racismo tem sua base na desigualdade e se transmite por meio das estruturas sociais (sistemas) e desde os mundos da vida das pessoas (sujeitos). Quando se reproduzem discursos racistas, ou se levam à prática em forma de ações violentas contra pessoas de uma minoria étnica, predominam as relações de poder de onde as interações dominantes também são de poder, seja entre indivíduos, grupos ou instituições. Recordemos, por exemplo, as agressões de 2008 contra os ciganos em Nápoles. Os agressores chegaram a colocar fogo em suas casas e nos acampamentos onde viviam. Isto ocorria em um clima forte de anticiganismo proclamado pela extrema

direita por meio de discursos e atos comunicativos de poder. Os meios de comunicação difundiram a notícia de que uma menor cigana tentou sequestrar uma criança. Isto foi utilizado para justificar os ataques para toda a comunidade. Tornar pública a etnia da sequestradora foi um ato comunicativo de poder suscetível de desencadear a violência posterior. O clima de anticiganismo que estava ocorrendo naquele momento e a constatação de que os ciganos são a minoria étnica mais discriminada da Europa (EUMC, 2006), confirmam o elevado risco de ações racistas que supunha dar o dado da etnia, quando não havia justificativa alguma para fazê-lo. Os efeitos de tornar pública esta informação foram o aumento do racismo, que se concentrou em agressões dirigidas a todo um grupo étnico.

A dúvida que nos pode ficar é a intenção dos meios de comunicação, se ao dar o dado étnico sua intenção era simplesmente informar ou não. Mas independentemente de qual foi sua intenção, o resultado foi um aumento do racismo, algo que somente pode ser consequência de interações e atos comunicativos de poder. As interações dialógicas não fomentam o racismo, o reduzem. Esse é um aspecto para se levar em conta em relação aos meios de comunicação dada sua responsabilidade social na criação de opinião. Como explicam Chomsky e Herman (1990), muitos jornalistas estão convencidos da objetividade das notícias que elaboram e não pretendem enganar a população. No entanto, além da intenção que tenham os sujeitos, é imprescindível levar em conta os efeitos de seus atos comunicativos. As pretensões de validade, são condição necessária mas não suficiente para que o ato comunicativo seja dialógico. Ainda que uma pessoa dedicada ao jornalismo tenha a intenção ou a pretensão de dizer a verdade quando dá uma notícia, não podemos esquecer que se encontra dentro de uma estrutura social em que “os meios de comunicação de massas atuam como sistema de transmissão de mensagens e símbolos para o cidadão médio” (Chomsky & Herman, 1990: 21). Daí a relevância de ir mais além das intenções que residem nos atos comunicativos dos sujeitos.

No caso de Nápoles, culparem toda a comunidade cigana por um ato cometido por uma pessoa calou enormemente a opinião pública. Esta reação tem sua origem nos fortes estereótipos contra os ciganos, mas também no uso que os meios de comunicação e o governo fizeram da situação usando uma linguagem baseada em atos comunicativos de poder. Isto ocorria quando, por exemplo, os meios tornaram pública a identidade cigana da menina que sequestrou a criança, acontecimento que está na raiz do que desencadeou os atos racistas. O ambiente que foi gerado favoreceu a campanha que o governo encabeçou contra os ciganos e a imigração. O governo italiano não só condenou os atos mas, também, além disso, endureceu as medidas contra a imigração tipificando como delito o fato de não ter permissão de residência. Seu discurso público foi centrado na luta contra a criminalidade e na busca da

segurança, deixando entrever que estes dois aspectos se conseguiriam se se combatesse a população cigana estabelecida na Itália em acampamentos.

A análise dos efeitos dos atos comunicativos permite identificar a origem de problemas sociais como o racismo ou a exclusão. A análise das intenções não. Nesta linha, pessoas ciganas entrevistadas no projeto europeu RTD WORKALÓ (CREA-UB, 2001-2004) trouxeram à luz os atos comunicativos de poder realizados pelos meios de comunicação ao tratar as notícias sobre pessoas de etnia cigana. Como mostra o exemplo que segue, destacavam que quando uma agressão é cometida por uma pessoa cigana sua etnia se torna pública, contudo, este dado é omitido quando o agressor não é cigano:

“Um acontecimento...uma pessoa matou sua mulher, se é da raça paya⁵, dizem: -um indivíduo, não sei o que não sei quantos, matou ou presumidamente matou sua mulher-, mas não dizem de que raça que é, e se agora o tivesse feito um cigano: -uma pessoa de etnia cigana matou a... não sei o que, não sei quantos-, é verdade ou não?” (CREA-UB, 2001-2004).

Ao contrário, quando há uma notícia positiva e quem a protagoniza é uma pessoa cigana, se omite sua etnia: “Diferentemente, quando sai uma manchete de jornal, (...) ou seja sai Joaquin Cortés em Nova Iorque e tal, Joaquin Cortés, nem cigano nem nada, ou seja esta é a forma de discriminação”⁶. Ambos os atos comunicativos são de poder porque fomentam estereótipos que vinculam as pessoas ciganas com a violência e a delinquência. Novamente, não é a intenção, mas o efeito de tais atos é o que reproduz ou freia o racismo. Omitir a etnia cigana em notícias positivas e torná-la explícita quando se trata de acontecimentos violentos ou ligados à delinquência, são atos comunicativos de poder que se explicam pelo anticiganismo, já histórico e fortemente arraigado, tanto na Espanha como na Europa em geral. Os meios de comunicação atuais são fruto deste contexto histórico, foram criados em um marco racista e geraram estruturas que o reproduzem. Uma forma de fazê-lo é por meio dos atos comunicativos de poder emitidos pelos indivíduos que os integram, os jornalistas não ciganos nos exemplos analisados.

Nesta linha, análises como as de Chomsky colocam a ênfase em que além de divertir, entreter e informar, os meios de comunicação também cumprem outra função que se consegue por meio de uma “propaganda sistemática”: inculcar valores, crenças e códigos de comportamento aos indivíduos que os permitam a integração na sociedade e, especificamente em suas estruturas institucionais. Nossa contribuição reside na análise das interações que dominam dentro destas estruturas. Se são de

⁵ Nota das autoras: Payo(a) é um termo utilizado pelas pessoas ciganas para designar as pessoas não ciganas, a comunidade majoritária na Espanha.

⁶ Nota das autoras: Informação recolhida por meio do trabalho de campo realizado no marco do projeto RTD, do V Programa Marco de la Comisión Europea, WORKALÓ (CREA-UB, 2001-2004).

poder, é reproduzido o racismo e a desigualdade. No entanto, como veremos na segunda parte do artigo, fomentando as interações dialógicas é possível questionar os preconceitos que regem as interações de poder. Nos mundos da vida dos sujeitos, nas relações que estabelecem em seu dia a dia, se dão interações de poder que são analisados juntamente com a dimensão do sistema de acordo com as análises duais da sociedade.

1.3. Na vida cotidiana

Os exemplos que seguem se molduram no cotidiano. Do mesmo modo que o racismo se reproduz por meio de estruturas historicamente herdadas, desde os sistemas culturais até as instituições educativas ou os meios de comunicação, os mundos da vida são também fonte de reprodução e criação de estereótipos racistas. É assim como uma análise dual da linguagem e dos atos comunicativos em geral, adquire especial relevância para compreender como se cria o racismo, mas também como e por que aumenta. A chave se encontra no tipo de interações.

Imposição ou consenso sem coerções, engano ou sinceridade, são características que não permitem distinguir quando um ato comunicativo é de poder ou é dialógico. Diversas investigações realizadas com grupos culturais (CREA-UB, 2001-2004; CREA-UB, 2001-2005; CREA-UB, 2005-2009; Sordé, 2007) trazem numerosos exemplos. Com base em algumas delas analisamos na continuação alguns dos atos comunicativos que aconteceram em situações entre pessoas ciganas e não ciganas. O projeto WORKALÓ (CREA-UB, 2001-2004) trouxe à luz as consequências exclusoras dos estereótipos existentes em relação aos ciganos, especialmente no âmbito laboral. Vejamos algumas delas: “Me deram as diretrizes de contratação do pessoal; a primeira que me deram é: você já sabe que nós não contratamos nem mouros, nem negros, nem ciganos”.

A pessoa que expôs esta situação era cigana e a responsável pelos recursos humanos da empresa. A mensagem que seus empregadores lhe deram foi sincera, mas buscava um efeito exclutor: evitar a contratação de determinadas pessoas por sua etnia ou cultura. Isto é o racismo. Assim, ainda que na emissão dos empregadores se dê a condição de sinceridade, se trata de um ato comunicativo de poder. Não se dá a segunda condição para que um ato comunicativo seja dialógico: a busca do consenso sem coerções. O empregador não busca conciliar alguns critérios de seleção de pessoal com a pessoa responsável pelos recursos humanos mas sim busca que a pessoa esteja de acordo com a diretrix dada e que a cumpra, ou seja, dá uma ordem. Para isso, faz uso de sua posição de poder, é o chefe. Mas, além disso, se acrescenta aqui o fato de que a pessoa que recebe a diretrix de não contratar nunca “nem mouros, nem negros, nem ciganos”, é cigana. Assim, a uma situação de coerção exercida pelos empregadores se soma uma tensão maior que leva a pessoa cigana a

ocultar sua identidade étnica. A consequência destes atos comunicativos de poder é uma falta de diálogo e de sinceridade, e o fomento de atitudes coercitivas que engendram interações de poder.

Para aprofundar no tipo de coerções que se dão nos atos comunicativos de poder, analisamos outras situações identificadas durante o desenrolar do projeto WORKALÓ. Em uma classe de ensino médio, uma professora dedicou um tempo da sessão para perguntar a seus alunos e alunas que carreira queriam seguir. Ao chegar a vez da única aluna cigana, a professora passou reto e não lhe perguntou. Neste caso, tal omissão é um ato comunicativo baseado nos preconceitos que existem em relação aos ciganos, e especialmente em relação às meninas. A reação da menina foi dialógica: perguntou à professora por que ela não havia sido questionada. A professora lhe deu a palavra para que dissesse que queria estudar, mas sem responder por que razão havia omitido o testemunho da menina. Quando explicou que queria seguir a carreira de Pedagogia, a professora lhe perguntou surpresa porque queria abandonar a “bonita tradição da feira”⁷. Ainda que não houvesse “má intenção” por parte da professora, o efeito deste ato comunicativo foi que a menina viesse questionar seu desejo de continuar estudando mas, além disso, quem o questionava era seu referente acadêmico, sua professora.

Os atos comunicativos que ocorreram geraram interações de poder, não desejadas pela menina, e criaram um ambiente coercitivo e de mal-estar onde se fazia difícil buscar um acordo com base em um diálogo igualitário. Assim, independentemente de qual fosse a intenção da professora, seus atos comunicativos foram racistas e estiveram fortemente influenciados pelos estereótipos culturais perante a comunidade cigana. Os estereótipos se alimentam de atos comunicativos de poder que nos influenciam e por meio dos quais reproduzimos o racismo. Na situação exposta, o peso dos estereótipos que a professora tinha em relação às pessoas ciganas dificultou que acontecesse um diálogo livre de coerções entre ela e a aluna cigana. Primeiro, a omissão do testemunho da aluna cigana designa as baixas expectativas acadêmicas que parte do professorado tem em relação ao aluno cigano. A posterior resposta sobre a feira corrobora. Esta situação não é algo isolado mas, ao contrário, encontramos nas várias pesquisas.

Os exemplos que seguem são de atos comunicativos de poder que mostram as estratégias que as pessoas poder chegar a desenvolver para conseguir um efeito excludor dirigido às pessoas ciganas. Em ambos os casos são os preconceitos para com a comunidade cigana o que guia os atos comunicativos. Uma pessoa cigana entrevistada durante a pesquisa WORKALÓ (CREA-UB, 2002-2004), explicava que quando seu irmão começou a trabalhar em uma empresa de ar condicionado, os

⁷ Nota das autoras: A “feira” é uma atividade laboral ligada à venda ambulante. Caracterizada pela instabilidade e precariedade laborais, se trata de ocupações de baixa qualificação as quais se dedicam tradicionalmente uma parte da população cigana na Espanha.

companheiros, durante os primeiros seis meses, deixavam coisas na oficina para ver se ele as roubava. O preconceito contra os ciganos guiou o ato que pretendia pôr à prova esta pessoa. Se tivesse roubado, esta ação individual teria sido utilizada como prova para “confirmar” o preconceito existente na sociedade de que “os ciganos são ladrões”. Todavia, hoje a quarta acepção do dicionário da Real Academia Espanhola define “cigano” como “Que frauda ou age com intenção de enganar” (Real Academia Espanhola, 2001). Este contexto de anticiganismo condiciona todas as relações sociais, entre indivíduos mas também entre instituições (escola, Estado, etc.). Do ponto de vista dos efeitos que gera o ato comunicativo de poder, de pôr à prova a honestidade de uma pessoa por ser cigana, se encontra o sentimento de rejeição e falta de confiança. Assim, as interações que se veem reforçadas são as de poder. Isso gera, por sua vez, um clima favorável ao conflito ante qualquer detonante, como podem ser discursos xenófobos dos meios de comunicação ou dos partidos políticos, entre outros.

O último exemplo se situa no âmbito educativo e permite aprofundar nos efeitos excludentes das múltiplas interações de poder dadas. Um pai cigano foi inscrever seu filho de 12 anos em um Instituto de Ensino Médio. Quando pediu vaga para o menino, a direção lhe respondeu que não havia, o que não era verdade. Neste processo há implícitos múltiplos atos comunicativos nos quais intervêm outros agentes e interações, tais como as imagens fomentadas pelos meios de comunicação sobre a comunidade cigana, as conversas e comentários sobre os ciganos com o resto do professorado, as reuniões familiares ou com grupos de amigos. A linguagem estabelecida pelo professor com outros companheiros e familiares cria realidade e reforça uma ideia dos ciganos que lhe conduz a dar uma resposta falsa ao pai cigano. Seja de forma ativa, participando de conversas em que se estigmatiza as pessoas ciganas, ou de forma passiva, escutando notícias nas quais se culpa a todos os ciganos de determinados atos (delitos, faltas) cometidos por um de seus membros, o diretor do centro desenvolveu uma imagem estereotipada das pessoas ciganas. Esta imagem é gerada por uma linguagem que não é dialógica, mas de poder.

Já ocorreu em outras ocasiões, que ante a entrada de alunos ciganos em centros educativos, as famílias não ciganas tiraram seus filhos do centro. A decisão do diretor de mentir a respeito das vagas tinha como objetivo evitar a entrada de um aluno cigano por um racismo que se reflita em seu medo da reação das famílias não ciganas e do próprio professorado. A respeito do pai cigano, este vê na instituição escolar uma rejeição ao seu filho e à sua comunidade, fato que explicará a seus familiares e que pode desanimar as famílias ciganas a fomentar as trajetórias acadêmicas de seus filhos e filhas. Mas também há o menino, o que tal rejeição representa para ele e como influencia nas expectativas que cria sobre si mesmo. Neste caso, o diretor do centro usou sua posição de poder para evitar a entrada de um

menino cigano em seu centro. Se sua intenção tivesse sido a de garantir o direito à educação do menino cigano, teria manifestado de forma sincera seu medo ao desprestígio do centro ou a que as famílias não ciganas tirassem seus filhos. Neste caso, as pretensões de validade tinham substituído as de poder criando-se as condições necessárias para que se dê um diálogo orientado a encontrar formas de garantir tal direito. Só assim seria possível mudar os efeitos excludores do ato comunicativo do professor.

Nesta linha, na parte precedente analisamos exemplos baseados em atos comunicativos e interações dialógicas, características das práticas e atuações de sucesso que superam o racismo.

2. A superação do racismo por meio dos atos comunicativos dialógicos

A realidade é mais complexa do que qualquer categoria de análise ou “tipo ideal” possa refletir. Por isso, é muito relevante conhecer os elementos que indicam se uma relação entre duas pessoas é mais ou menos dialógica, se tende a buscar o consenso, ou se está unicamente baseada na relação de poder mediada pelo exercício da autoridade de uma das partes; se são feitos explícitos argumentos de forma sincera, ou pelo contrário, se se mente ou se omite informação relevante para o interlocutor. Na parte anterior vimos exemplos de situações nas quais dominam as interações de poder nos atos comunicativos. Centramos, na presente parte, em analisar o tipo de relações e de atos comunicativos que predominam nas atuações de sucesso, ou seja, as que fomentam a igualdade e reduzem o racismo.

Quando o diálogo adquire maior importância nas relações sociais, as possibilidades de combater os discursos racistas são maiores. No século XIX, os teóricos da democracia consideravam que, para tê-la, um país deveria estar “maduro”. De acordo com Sen (2007) essa não é a questão. Durante o século XX ocorre uma virada na perspectiva e se coloca a questão argumentando que um país não está “maduro” para a democracia mas que chega à maturidade por meio da democracia, o que confere ao diálogo um papel essencial. Este é mais um exemplo da virada dialógica que estão dando as sociedades e também as ciências sociais.

A extensão da democracia de uma grande quantidade de países ao longo do século XX demonstra que, cada dia mais, o diálogo penetra nas relações entre indivíduos e também nas instituições gerando estruturas mais igualitárias. No entanto, uma das contribuições mais interessantes da concepção de atos comunicativos é que, ainda que as relações dialógicas tenham ganhado protagonismo, se dão também relações de poder nos sistemas democráticos, como vimos no exemplo do papel dos meios de comunicação na promoção do racismo.

2.1. Democracia e atos comunicativos de poder: O poder das interações dialógicas

Podemos entender a democracia a partir da concepção dos atos comunicativos como um conjunto de relações dialógicas entre grupos, instituições e indivíduos nas quais predominam os atos comunicativos dialógicos mas nas quais também se dão, em menor medida, atos comunicativos de poder. Isso explica, por exemplo, que exista racismo em sociedades democráticas. Tanto as estruturas como em alguns casos a agência humana (e os estereótipos culturais que destas se derivam) reproduzem o racismo: desde as instituições políticas, os meios de comunicação, os centros educativos, etc.

Um discurso frequente que fomenta tais estereótipos é o falso vínculo que se estabelece entre os imigrantes ou ciganos de um lado, e conflito, delinquência e insegurança de outro. Todos os atos comunicativos que se realizam nesta direção (desde os titulares dos jornais, até as intervenções do governo ou a opinião manifestada pela equipe docente de uma escola), não somente são um grave erro científico mas, também, ético. Como já assinalaram Mircea e Sordé (em processo) a melhora da convivência e o sucesso social das pessoas ciganas ou imigrantes depende das atuações políticas, sociais e educativas que se realizam efetivamente e não da proporção de pessoas ciganas ou imigrantes que haja em um país, em um bairro, em uma escola ou em uma aula.

Não podemos esclarecer em nossa análise que a Europa se encontra nestes momentos imersa em uma crescente onda de racismo paralela à crise econômica global. Ainda assim, o marco democrático da UE possibilita que se deem mais interações dialógicas ou, como mostra o seguinte exemplo, que estas se deem inclusive em um contexto em que predominam as interações de poder. A intervenção de uma mulher cigana, Radics Hajnalka, na assembléia de Gabor Vona, líder do partido Jobbik de extrema direita da Hungria, em meados de abril de 2010 é um claro exemplo da importância de contar com um contexto democrático para combater o racismo manifestado nos atos comunicativos de poder. Esta mulher de 47 anos, trabalhadora na colheita de uva, era a única cigana entre os 200 assistentes da assembléia. O discurso racista de Vona era explicitamente anticigano e culpava esta comunidade dos altos níveis de greve do país. Esta mulher levantou-se para dizer: “Como assim? Eu nasci aqui e trabalho como o resto”. Ela realizou esta intervenção em um contexto que dificultava o diálogo, existiam coerções. Mas ainda assim, o fez porque a Europa é democrática, como ela mesma explicou. Neste caso, a estrutura possibilitava que se pudesse ter um ato comunicativo em um contexto em que a agência humana (os seguidores de Gabor) pretende impor interações de poder. Foi justamente a garantia que representam instituições democráticas como a UE e sua vontade como entidade supranacional, o que lhe deu forças para se fazer ouvir seus argumentos: “Não tenho

medo porque a União Européia não permitirá jamais que haja outro Auschwitz, não é verdade?” (Robinson, 2010).

Sua intervenção foi sincera e superou as coerções que interferiam. Seu ato comunicativo esteve baseado na liberdade de expressão que lhe concede o marco democrático da UE, mais dialógico que qualquer Estado ditatorial. Somente em um marco tal é possível uma intervenção como a de Radics: a interação que criou com os 200 assistentes e com o líder de extrema direita questionava as afirmações antiganas. Este exemplo mostra que em nossa sociedade convivem interações de poder e interações dialógicas. A questão é como criar os e contextos favoráveis para que dominem as segundas sobre as primeiras.

2.2. Práticas de sucesso: Diálogo igualitário e multicultural

A democracia é um ganho da humanidade e não de uma cultura determinada. É, por tanto, fruto de atos comunicativos dialógicos formados por uma multiplicidade de interações entre uma grande diversidade de grupos e pessoas. Assim, as interações dialógicas entre culturas incrementam a democracia visto que levam a consensos que regem as relações futuras, frequentemente plasmados em forma de normas, entre as pessoas e as outras organizações que as representam.

Seja desde a esfera privada da família ou em uma campanha eleitoral, os atos comunicativos que desenvolvemos por meio de nossas interações criam realidade. Do mesmo modo, quando na linguagem dominam relações de poder manifestadas em forma de preconceitos e estereótipos, os próprios atos podem camuflar a realidade ou torná-la invisível, como mostra o exemplo seguinte extraído de uma pesquisa realizada com população imigrante.

Um dos objetivos do projeto TRANSMIGRA (CREA-UB, 2005-2009) era estudar as atividades econômicas transnacionais que as mulheres marroquinas, equatorianas e romanas estavam realizando em seus países de origem e Espanha. Na entrevista a um dos responsáveis do pólo econômico da Fundação Hasan II do Marrocos, ele respondeu que no Marrocos não havia mulheres marroquinas que criaram empresas. Este ato comunicativo estava baseado na sinceridade, posto que os dados com os que ele contava não permitiam afirmar outra coisa. Ainda assim, a comunidade científica mostrou que os estereótipos de gênero são universais, se encontram em todas as sociedades e afetam os discursos que nelas se produzem, do mesmo modo que o fazem os estereótipos racistas. O entrevistado, como qualquer outra pessoa, não escapa a tal influência e seus atos comunicativos devem ser analisados levando em conta esta possível inclinação.

As interações que mantínhamos com pessoas marroquinas residentes na Espanha nos levavam a pensar que a realidade das mulheres empresárias marroquinas era uma realidade que existia, mas que estava invisível. Esta hipótese era fruto de

interações dialógicas que nos proporcionava nossa vinculação com entidades nas quais participam ativamente mulheres imigrantes, assim como o trabalho de campo realizado na Espanha e França com mulheres marroquinas e de outras nacionalidades que gerem seus próprios negócios que são membros ativos e inclusive fundadoras de associações. Com o objetivo de conhecer mais sobre os projetos econômicos destas mulheres, entrevistamos diferentes pessoas entre as quais uma professora de instituto, representante do Fórum de mulheres de Larache (Marrocos) e que era também voluntária em uma associação de formação profissional para mulheres. Ante a mesma pergunta sobre se conhecia mulheres empresárias, sua resposta foi negativa a princípio. Os estereótipos de gênero não afetam somente a homens de uma determinada cultura mas, também, como temos dito, são universais, os têm homens e mulheres de diferentes culturas e religiões, posto que formam parte de uma estrutura patriarcal de valores que nos foram transmitidos historicamente, ao longo de gerações. Aquela mulher, marroquina, formada, ativista social e solidária com outras mulheres também estava influenciada pelo discurso dominante baseado em estereótipos e, portanto, em atos comunicativos de poder que pressupõe em relação à mulher marroquina a passividade e a incapacidade de realizar projetos empresariais próprios.

A visita à associação profissional onde colaborava a mulher marroquina entrevistada gerou novas interações que nos permitiram aprofundar na análise daquela realidade. À medida que avançávamos no diálogo, descobríamos o potencial da entidade e das mulheres que se formavam nas oficinas de cabeleireiro e confecção, entre outras. Então foi quando ela mesma pôs palavras a uma realidade que já existia:

“Eu conheço uma menina que trabalha conosco na associação que fez uma formação na associação, de cabeleireira, e depois criou uma oficina de cabeleireiro e seu irmão que está na Espanha é o que dá dinheiro pra ela fazer isso, pra fazer o projeto (...) [Seu irmão] disse pra ela que quando viesse no verão ele poderia comprar uma casa e usar uma parte para fazer o salão, um local (...). O salão se chama Liberdade”⁸.

Neste caso, graças ao diálogo livre de coerções e a validade dos argumentos apresentados, veio à luz uma realidade que quebrava estereótipos históricos sobre a mulher muçulmana, quebrando com a ideia inicial de que esta realidade não existia e criando novo conhecimento. Vemos como por meio dos próprios atos comunicativos também se podem criar e viabilizar novas realidades. Como analisaram Berger e Luckmann (1966) desde as teorias do sujeito, a capacidade de criar novas realidades está unida à capacidade de linguagem e ação dos sujeitos e de interpretação da própria realidade. Isso é refletido em um exemplo mais.

⁸ Nota das autoras: Informação recolhida por meio do trabalho de campo realizado no marco do projeto do Plan Nacional I+D del MICINN, TRANSMIGRA (CREA-UB, 2005-2009).

Em algumas jornadas estatais de educação de pessoas adultas (CONFAPEA, 2010) uma menina marroquina, muçulmana, com véu e de 21 anos, explicou via *Skype* sua experiência como colaboradora em uma atividade de formação de familiares de uma escola, na qual participam outras mulheres, algumas delas marroquinas e semi-analfabetas. Sua intervenção era dirigida a um público diverso em que havia professores(as) universitários, educadores(as) e professores(as) de educação de adultos e pessoas participantes em processo de formação. Em sua exposição virtual ocorreu uma grande quantidade de atos comunicativos, verbais e não verbais. O próprio uso do véu é um deles. Ele gerou uma nova interação posto que era unido a uma interessante explicação sobre a leitura e o debate que as mães marroquinas estavam tendo em torno de uma obra clássica da literatura universal, “A casa de Bernarda Alba” de Federico García Lorca. Esta interação foi nova para muitas das pessoas que assistiam à jornada porque, até então, vinculavam o véu islâmico a um estereótipo de mulher, submissa, apática e com pouca ou nenhuma inquietação literária ou pessoal. Este debate literário que fomenta as interações dialógicas em detrimento das de poder é uma prática de sucesso que combate o racismo.

É interessante analisar alguns dos atos comunicativos que podem ocorrer até chegar a uma atuação tal. Nela, não podemos esquecer a posição de “maior poder” que ocupam atores sociais como o professorado. Este tem maior capacidade de intervenção nos processos de decisão sobre as atividades educativas. Assim, por um lado, se a relação de poder existente entre professorado e familiares marroquinos é a base dos atos comunicativos, uma atividade tal não pode ocorrer. Por outro lado, está a confiança que o professorado confere a estas mulheres e sua capacidade de ler e debater esta obra clássica. Estas baixas expectativas são também atos comunicativos que se transmitem, frequentemente sem má intenção, às próprias mulheres, ao resto do professorado, aos alunos, etc., gerando interações que não favorecem a superação dos estereótipos existentes em relação à mulher muçulmana. Aqui é o lugar em que a concepção dos atos comunicativos representa um conceito fundamental para compreender os processos de comunicação: as interações dialógicas. Uma das colaboradoras na atividade de formação de familiares tinha dúvidas de que pudesse funcionar uma “tertúlia literária” (ver artigo de Pulido & Zepa neste monográfico) com as participantes sobre uma obra como a de García Lorca. No entanto, nesta escola predominam as interações dialógicas entre professorado, colaboradores, alunos, familiares e outros agentes da comunidade educativa. Este contexto, unido à predisposição ao diálogo da colaboradora, permitiu que ela decidisse levar adiante a proposta de realizar a atividade de leitura dialógica sobre uma obra da literatura clássica universal com mulheres marroquinas e semi-analfabetas.

Como mostra o exemplo, é possível substituir os atos comunicativos de poder por atos comunicativos dialógicos. Uma das condições que deve ocorrer é a

sinceridade. As dúvidas que transmite a colaboradora sobre a possibilidade de que funcione a atividade são fruto dos preconceitos existentes em nossa sociedade. Mas o fato de ser sincera e expor estas dúvidas é o que faz com que a interação seja dialógica. O consenso implica algo novo, que se constroi entre todas as pessoas e, portanto, impossível de conseguir de forma individual. A chave do consenso reside na interação da que derivam ações como as que acabamos de descrever.

Conclusões

Quanto mais diversas sejam nossas interações, maior será a possibilidade de ter referentes diferentes que neutralizem os efeitos dos atos comunicativos de poder. As interações homogêneas geram discursos e imagens do mundo estereotipadas que não correspondem à realidade multicultural. Quando predominam as interações de poder, tais estereótipos recaem sobre os grupos mais vulneráveis como os ciganos ou imigrantes. Quando predominam as dialógicas ocorre um melhor aproveitamento da diversidade cultural, favorecendo a heterogeneidade em nossas interações, criando novos referentes muito distintos entre si e reduzindo, assim, o risco de cair em imagens estereotipadas. Estas interações são o coração de nossos atos comunicativos. Os de poder fomentam discursos racistas e xenófobos, geram efeitos excludores que prejudicam grupos culturais minoritários como o Povo Cigano, e podemos encontrá-los em muitos diferentes âmbitos da sociedade: nos discursos científicos, nos meios de comunicação ou em qualquer situação de nossa vida cotidiana.

A partir de conceitos como o de “choque de civilizações”, de lemas políticos reacionários ou por meio de um uso irresponsável da linguagem por parte dos meios de comunicação quando estabelecem falsas vinculações entre etnia e delinquência, são gerados discursos racistas que calam na sociedade e penetram nos atos comunicativos que as pessoas estabelecem em seu dia a dia. Mas longe de aceitar que todas as relações e interações são de poder e que não se pode fazer nada para evitar, a concepção dos atos comunicativos dialógicos contempla o conceito de interação dialógica para identificar uma linguagem caracterizada pela sinceridade e pela busca do consenso sem coerções. Ao introduzir este conceito à análise da linguagem e dos discursos racistas, identificamos que nem todas as relações são de poder e que é possível chegar a acordos entre pessoas de diferentes culturas e inclusive criar relações de solidariedade entre elas.

Assim, a democracia é um marco que torna possível, mais que qualquer outro, o desenvolvimento dos atos comunicativos dialógicos. No entanto, neste contexto também ocorrem atos comunicativos de poder. Os lemas xenófobos apelam a direitos universais, como a igualdade de gênero ou a não discriminação conseguidos graças às lutas de movimentos igualitários, para usá-los contra a igualdade de direitos de todas as pessoas. Estes discursos servem-se das estruturas do sistema democrático para

restringir os direitos aos membros de determinados grupos culturais como o Povo Cigano ou a comunidade árabe-muçulmana. Da mesma forma que é possível uma análise crítica do discurso racista que se encontra nos lemas dos partidos xenófobos, também os atos comunicativos requerem ser submetidos a uma crítica sobre a posição de poder a partir das quais são realizados e o uso que fazem da linguagem. É o caso dos empregadores que não querem contratar ciganos ou dos professores que não querem alunos imigrantes em seus centros educativos. Tais atos comunicativos têm como efeito a exclusão de pessoas de um determinado grupo cultural minoritário. Isto é racismo.

Nesta linha, a distinção entre racismo moderno e pós-moderno nos permite ir mais além e identificar o importante papel que desempenha a violência simbólica do uso da linguagem que faz o discurso racista pós-moderno. Para este último, as relações sociais sempre são de poder. Ante um discurso “antirracista” de respeito à diferença, grupos como os ciganos são difamados para justificar sua expulsão ou segregação. A concepção da diferença que reside em tais discursos e atos não é igualitária, mas nega a possibilidade de diálogo entre culturas, a existência de valores universais ou a possibilidade de criar novas realidades e relações de solidariedade a partir da linguagem e das interações dialógicas. A análise das interações e dos atos comunicativos que constituem o discurso racista pós-moderno permite, por um lado, compreender como se reproduzem os estereótipos nas estruturas e em mundos da vida dos sujeitos; por outro, identificar discursos e atos comunicativos racistas, inclusive quando estes se definem como “antirracistas” ou apelam aos direitos democráticos.

A democracia representa estruturas mais igualitárias para a sociedade que as de qualquer governo totalitário. Nela convivem atos comunicativos dialógicos e de poder. No entanto, a possibilidade de que as primeiras aumentem em detrimento das segundas somente é possível em um marco institucional em que predominem as relações dialógicas. Por sua vez, os atos comunicativos dialógicos reforçam as estruturas igualitárias de nossas sociedades. As interações dialógicas criam novas imagens e realidades do mundo e das pessoas ciganas ou imigrantes. Mas também permitem tornar visíveis realidades que já existem e, por meio de um diálogo igualitário e livre de coerções, ampliam o conhecimento sobre as mesmas. Isto é possível quando as pretensões de validade, a sinceridade e a busca do consenso sem coerções guiam os atos comunicativos e as interações entre os sujeitos participantes.

Em suma, podemos afirmar que as atuações de sucesso fomentam as interações dialógicas entre pessoas de diferentes culturas e em diferentes espaços ou contextos. Quando estas se multiplicam, os atos comunicativos que produzem são mais dialógicos e tornam possível romper as imagens estereotipadas (baseadas em atos comunicativos de poder) sobre as pessoas ciganas e árabe-muçulmanas, entre

outros grupos culturais. A análise do poder e do diálogo que inclui a concepção dos atos comunicativos é o elemento que permite avançar no conhecimento da linguagem e levar em conta condicionantes tais como os preconceitos racistas, as posições de poder e o uso que delas fazem. Mas sem esquecer que são determinadas atuações as que fomentam os atos comunicativos dialógicos e permitem que, cada vez mais, as interações dialógicas substituam as de poder.

Referências bibliográficas

- Aubert, A., Flecha, A., García, C., Flecha, R. & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información*. Barcelona: Hipatia.
- Austin, J. L. (1971). *Cómo hacer cosas con palabras*. Buenos Aires: Paidós.
- Beck, U., Giddens, A. & Lash, S. (1997). *Modernización reflexiva. Política, tradición y estética en el orden social moderno*. Madrid: Alianza.
- Berger, P. & Luckmann, T. (1966). *La construcción social de la realidad*. Buenos Aires: Amorrotu.
- Chomsky, N. & Herman, E. S. (1990). *Los guardianes de la libertad. Propaganda, desinformación y consenso en los medios de comunicación de masas*. Barcelona: HUROPE.
- CONFAPEA. (2010). *IV Trijornadas en Educación Democrática de personas Adultas. Formación de familiares, excelencia y democracia* [en línea]. Disponible en: <http://trijor.wordpress.com/>
- CREA-UB. (2001-2004). *WORKALÓ Project. The creation of new occupational patterns for cultural minorities: The gypsy case*. FP5, European Comission RTD. CREA-UB.
- (2001-2005). *AMAL: Inmigración y mercado laboral*. Plan Nacional I+D. Ministerio de Ciencia y Tecnología.
- CREA-UB. (2005-2009). *TRANSMIGRA. Análisis de los procesos de transnacionalidad económica y política marroquí, ecuatoriana y rumana. La inmigración como factor de desarrollo en los países de origen y acogida*. Plan Nacional I+D. Ministerio de Ciencia e Innovación.
- EUMC (European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia). (2006). *Annual report 2006*.
EUMC [en línea]. Disponible en: http://fra.europa.eu/fraWebsite/products/publications_reports/annual_report/ar2006_part2_en.htm#361
- Flecha, R. (1999). Modern and Postmodern Racism in Europe: Dialogic Approach and Anti-racist Pedagogies. *Harvard Educational Review*, 69(2), 150-171.
- Flecha, R. & Gómez, J. (1995). *Racismo: No, gracias. Ni moderno, ni postmoderno*. Barcelona: El Roure.
- Flecha, R., Gómez, J. & Puigvert, L. (2001). *Teoría sociológica contemporánea*. Barcelona: Paidós.
- Foucault, M. (1971). *Las palabras y las cosas*. Madrid: Siglo XXI.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity. Self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity- Press.
- Habermas, J. (1987). *La teoría de la acción comunicativa*. I: *Racionalidad de la acción y racionalización social*; II: *Crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus.
- Habermas, J. (2000). *La constelación posnacional. Ensayos políticos*. Barcelona: Paidós.
- Huntington, S. P. (2005). *El choque de civilizaciones y la reconfiguración del orden mundial*. Barcelona: Paidós.
- Mircea, T. & Sordé, T. (en proceso). How to turn difficulties into opportunities: Drawing from diversity to promote social cohesion. *International Studies in Sociology of Education*.
- Real Academia Española. (2001). *Diccionario de la lengua española. Vigésima segunda edición* [en línea]. Diponible en: http://buscon.rae.es/drae/SrvltConsulta?TIPO_BUS=3&LEMA=gitano

- Robinson, A. (2010). La extrema derecha puede convertirse en la tercera fuerza política en las legislativas. *La Vanguardia* [en línea]. Disponible en: <http://www.lavanguardia.es/internacional/noticias/20100411/53904531306/la-extrema-derecha-puede-convertirse-en-la-tercera-fuerza-politica-en-las-legislativas-budapest-ausc.html>
- Sen, A. (2006). *La démocratie des autres*. Paris: Payot & Rivages.
- Sen, A. (2007). *India contemporánea: Entre la modernidad y la tradición*. Barcelona: Gedisa.
- Sordé, T. (2007). *Quitarse de la escuela. Persistence and dropping out among Romani girls*. Unpublished Tesis Faculty of the graduate school of education of Harvard University, USA.
- Touraine, A. (1993). *Crítica de la modernidad*. Madrid: Temas de Hoy.
- Dijk, T. (2007). Prólogo. Discurso racista. En J. J. Igartua & C. Múñiz (Eds.), *Medios de comunicación y sociedad* (pp. 9-16). Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.